Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

Processos identitários na ficção: Macunaíma e concerto barroco.

Confluências e divergências

Luis Fernando Marozo
Professor Adjunto de Literatura
(UNIPAMPA)
luis.marozo@gmail.com

Yanna Karlla H. G. Cunha
Doutoranda História da Literatura
(FURG)
yannakarlla1@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem o propósito de fazer uma relação entre os processos envolvidos na representação da identidade presente nas obras *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade, e *Concerto Barroco* (1974), de Alejo Carpentier, a partir de uma visão que transita da visão multicultural, no primeiro, à visão transcultural, no último. A análise contempla uma perspectiva comparatista, colocando tempos e espaços distintos com o intuito de mostrar convergências e divergências no modo como os autores representam os diferentes processos de construção de identidade no espaço histórico e cultural americano, optando pela ideia de deslocamento como marca distintivas das personagens, representativos de diversas culturas no amplo panorama da diversidade latino-americana.

Palavras-Chave: Identidade; Transculturação; América Latina.

Resumen: Este trabajo tiene el propósito de hacer una relación entre los procesos que intervienen en la representación y construcción de la identidad en *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade y *Concerto Barroco* (1974), de Alejo Carpentier, desde una visión que mueve de la visión multicultural, en la primera, a la visión transcultural, en el último. El análisis incluye una perspectiva comparativa, poniendo tiempos y espacios distintos con el fin de mostrar las similitudes y diferencias en la forma en que los autores representan diferentes procesos de construcción de identidad en la historia y en el espacio cultural latino-americano, optando por la idea de desplazamiento como marca distintiva de caracteres, representante de diversas culturas en el amplio panorama de la diversidad de América Latina.

Palabras Clave: Identidad; transculturación; América Latina.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Introdução

A recorrência de discursos homogêneos e a lacuna ainda presente de aportes teóricos que contemplem a diversidade na construção da América Latina coloca em destaque a importância de repensar este espaço na contemporaneidade. São inúmeras as possibilidades de nos adentrarmos nessa discursão, porém o recorte para este trabalho é analisar a problemática da identidade no contexto sociocultural da América Latina a partir de obras literárias como *Macunaíma*, de Mario de Andrade e *Concerto Barroco*, de Alejo Carpentier.

Os personagens Macunaíma e Filomeno nos encaminham para uma reflexão que transcendem apenas o estético, visto que nos colocam diante da problemática existencial -cultural na constituição da identidade latino-americana, deslocando o olhar da simples lógica de colonizado e de sujeitos reprodutores da cultura europeia. Ambas as narrativas colocam em xeque discursos arraigados e os redimensionam a partir de outras perspectivas, visto que estão em constante movimento.

Desse modo, o objetivo é analisar essas obras, sobretudo, a partir de suas diferenças, característica marcante quando o assunto é América Latina. Em relação as semelhanças, é possível destacar que tanto *Macunaíma* quanto *Concerto Barroco* rompem, por meio de seus deslocamentos, com os paradigmas eurocêntricos e incorporam o Outro em seus discursos literários. Sobre o assunto, Bolaños (1991), ao tratar da narrativa latino-americana, aponta os anos 20 do século passado como o momento no qual os intelectuais começam a romper com os estilos de suas gerações e inovam a literatura tanto do ponto de vista estético como do ponto de vista histórico, ou seja, as narrativas são vistas como "criação" e "práxis" (ética e estética).

> *Siguiendo la tradición del modernismo, los escritores y artistas se ubican en un espacio supranacional más atentos a sus propósitos identificadores, sobre todo evidentes en su repudio y crítica de las enajenantes prácticas sociales que constituyen un componente esencial de la modernización. Los vínculos, los contactos e intercambios fecundantes, donde se ponen de manifiesto afinidades y divergencias, incluyen no solo grupos y publicaciones, sino, también las individualidades. Un nuevo concepto de comunidad espiritual se abre paso con mayor conciencia de la heterogeneidad y pluralidad (BOLAÑOS: 1991, p.31).*

Pizarro (1985) nesta mesma linha de pensamento explica que os vanguardistas adicionavam elementos de várias culturas para formar a própria, mais especificamente, tanto a cultura do "centro" – europeia - quanto da "periferia" – latino-americana, figurando o início do movimento antropofágico cultural.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Aproximar duas narrativas esteticamente distintas e produzidas em um contexto cultural diversificado implica pensar em tempos e espaços múltiplos, mas que por vezes se aproximam. Bolaños, entretanto, afirma que a aproximação deve ser percebida, a partir de seu recorte, através dos elementos personagem, enredo, tempo e espaço. Segundo a autora, são esses elementos que possibilitaram a aproximação entre os diferentes textos e faz da narrativa latino-americana um processo plural, que se constitui a partir de discursos heterogêneos e transculturais, permeando a antropofagia intelectual artística.

Bolaños (1991) perpassa o cenário narrativo latino-americano do início da década de 20 até anos 60 do século passado para explicar o processo de autonomia. Neste recorte temporal, as narrativas cruzam interferências europeias e regionais, constituindo assim, um movimento antropofágico. A partir do Modernismo, os escritores buscavam proposições para as possíveis identificações que abrangessem o continente e apresentam romances que se movimentam para dentro de si mesmos, rompendo com o tempo linear ou com a ficção que abandona uma visão hegemônica da história, iniciando uma trilha de crítica e indagação reflexiva.

Autores como Alejo Carpentier, em Cuba, Jorge Luís Borges, na Argentina e Gabriel García Márquez, na Colômbia, Mario de Andrade, no Brasil a citar alguns, revisitaram a história das Américas para por em prática, na confabulação de suas narrativas, um caráter analítico que, acima de tudo, reclamava uma emancipação legítima que comporia as construções identitárias latino-americanas. Assim, a contestação de uma tradição já instaurada por moldes europeus foi inevitável, de forma que novos conceitos foram se aconchegando à realidade de produção literária americana.

Houve, ainda, nessa urdidura, um enfrentamento das continuidades narrativas, tidos até então, como pressuposto máximo, o que abalaria as estruturas espaço-temporais, de concepção linear na produção literária latino-americana e, subjacente a esses mecanismos, encontrava-se a seguinte questão: como teria sido a História, se ela fosse contada pelos excluídos, pelos vencidos? Nesse sentido, as narrativas literárias incorporam o discurso histórico latinoamericano para problematizá-lo, para evidenciar um novo modo de ver o mundo, ou seja, pelo ângulo plural e periférico.

Monegal (1974) ao tratar dos escritores hispano-americanos apresenta o teor de provocação e originalidade que a (re)descoberta da América e de sua literatura, por meio desses processos de negação da autoridade europeia implicaria:

ISBN: 978-85-7205-159-0

> *Ellos (narradores hispano-americanos) buscan captar el sentido oculto de estos cambios, de esta revolución, y para conseguirlo, concentran la mirada en el nuevo hombre que el vasto continente latinoamericano está produciendo ahora. Proyectan hacia el futuro su visión de estos pueblos y estas tierras. Como pasa con todo artista, lo que están viendo y describiendo hoy servirá para moldear la visión de las nuevas generaciones. Creo que es esta última cualidad la que convierte a la nueva novela latinoamericana em algo tan original y provocativo* (MONEGAL, 1974, p. 9).

Nesse sentido, o percurso dessa análise é acompanhar o movimento/deslocamento estabelecido pelos personagens Macunaíma e Filomeno, os quais apresentam dois momentos distintos no movimento histórico e na busca de identidade. O primeiro, nos anos 1920, percorre um espaço americano preponderantemente brasileiro e circunscreve uma identidade nacional multicultural; e o segundo, já nos anos 1970, percorre o espaço americano e europeu e circunscreve uma identidade latino-americana e transcultural.

Sendo assim, *Macunaíma* e *Concerto Barroco* põem em cena movimentos distintos e significativos na construção do que Carpentier denominou de uma consciência latino-americana, colocando em evidencia os sentidos ocultos e/ou silenciados nas narrativas históricas de um "passado muito mais presente que se possa acreditar". É necessário, portanto, mostrar o contexto de produção de cada obra para, em seguida, destacar os pontos de convergências e divergências.

Macunaíma

Macunaíma foi publicado em 1928, pelo escritor brasileiro e modernista Mario de Andrade com características singulares, nas quais se pode perceber um domínio do registro linguístico e amplo conhecimento do folclore. O personagem principal nasceu no fundo da mata virgem, é preto retinto, feio e desde criança apresenta hábitos estranhos como sonhar com "palavras-feias" e com "imoralidades" quando adormecia. O primeiro impacto desse herói sem nenhum caráter tem como função romper com as narrativas tradicionais acerca da identidade brasileira produzida até o momento, cujo foco era buscar na imagem do índio idealizado sua principal representação.

O fato de Macunaíma assumir, ao longo do livro, diversas identidades vai ao encontro das discussões sobre o rompimento da homogeneidade cultural e também a busca pelo índio idealizado que nos representasse enquanto nação. No entanto, em busca de manter a verossimilhança no texto, o autor aproxima sua narrativa aos modelos míticos e folclóricos, pois nesses a mudança de identidade e até da forma física do herói é absolutamente comum.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Ao tecer sua história com o material retirado do mundo mitológico e folclórico, Mario de Andrade procurou construir uma forma de língua coerente com tal conteúdo, combinando termos de origem indígena, africana, regionalismo, modismos de linguagem, o que fez emergir uma linguagem que é, segundo ele mesmo, uma espécie de língua literária brasileira, uma língua com força poética baseada na exploração dos recursos da fala popular.

O enredo tem como foco, então, o movimento da personagem que parte do interior da mata Atlântica para São Paulo em busca de seu talismã. Entre esse percurso, percebe-se um deslocamento por várias regiões do Brasil, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília e alguns lugares que fazem fronteira com a floresta amazônica. Esse movimento espaço-temporal, porém, não acontece de maneira linear, dá-se de forma improvisada e despida da ideia de retrato da realidade.

Pode-se, portanto, abordar a obra em questão como um marco importante na construção de novas narrativas para pensar a identidade nacional, no caso a brasileira. Ou seja, sua produção faz parte do contexto dialético entre continuidade e ruptura presente na pauta das reflexões sobre a narrativa nos anos 20 do século passado. Neste período, as aspirações identitárias rompem com o projeto romântico de idealização, integração e até assimilação.

Macunaíma está em constante deslocamento e é essa característica que queremos destacar para repensar a América Latina. O que motiva Macunaíma em sua trajetória é a busca por seu amuleto- muiraquitã- o qual se encontra com o gigante Piamã- comerciante peruano Venceslau Pietro Pietra- representante da cultura europeia e, principalmente, do processo de industrialização e a intensificação do capitalismo. Na viagem do herói sem nenhum caráter, Mario de Andrade articula referências culturais, históricas, geográficas, antropológicas e literárias.

No processo de busca, a personagem se constitui a partir do contato com o erudito e com o popular, com a vanguardista e com o primitivo, com o heroico e com o picaresco. A estrutura narrativa também é indefinida porque é uma rapsódia, mas pode ser pensada como um romance, uma novela de cavalaria carnavalizada, uma fábula mítica, etc. Vale destacar que o olhar em Macunaíma é um olhar multicultural, porém não se percebe uma incorporação da diferença no quesito existencial, pois o múltiplo apresenta-se como um olhar panorâmico, uma constatação da diversidade neste momento histórico.

Para criar este herói, Mário de Andrade valeu-se de farto material retirado da mitologia indígena e do folclore brasileiro que conheceu durante seus trabalhos de pesquisa. Nesse sentido, a relação da obra

ISBN: 978-85-7205-159-0

artística com as formulações teóricas e críticas é algo que aproxima Mario de Andrade e Alejo Carpentier, visto que das suas criações emergem aspectos discutidos ao longo de suas trajetórias.

Destacar a multiplicidade coloca a narrativa sob o signo da diferença, visto que rompe os paradigmas propostos até então. Suas referências dialogam com a literatura popular e concentra em si as virtudes e os vícios que são encontrados na realidade. Macunaíma é colocado fora do bem e do mal, transcende espaços e tempos, mas em seu retorno vê-se um sujeito em descompasso com seu lugar de origem:

> Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem siquer a gente encontrava cunhas por ali. O silêncio principiava cochilando a beirario do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!... (ANDRADE, 1997, p. 112)

As inúmeras peripécias nas quais o personagem se envolve mostram muitos aspectos de vida urbana e de alguém que consegue se adaptar a diferentes situações. Macunaíma se busca uma adaptação das culturas percebidas:

> Como vedes, assaz hemos aproveitada esta demora na ilustre terra bandeirante, e si não descuidamos do nosso talismã, por certo que não poupamos esforços nem vil metal, por aprendermos as coisas mais principais desta eviterna civilização latina, por que iniciemos quando for do nosso retorno ao Mato Virgem, uma série de milhoramentos, que, muito nos facilitarão a existência, e mais espalhem nossa prosápia de nação culta entre as mais cultas do Universo. E por isso agora vos diremos algo sobre esta nobre cidade, pois que pretendemos construir uma igual nos vossos domínios e Império nosso (ANDRADE, 1997, p. 79).

Em meio à narrativa, surgem lendas e mitos entrelaçados a voz do narrador, o qual predominantemente encontra-se em 3ª pessoa. O discurso do narrador é interrompido várias vezes para dar voz à fala dos personagens, principalmente a de Macunaíma. Para isso, há cortes bruscos na narração, o que imprime velocidade, simultaneidade e continuidade à narrativa de Mário de Andrade.

O narrador recebe a história de um papagaio que vai para Lisboa depois de cumprir sua tarefa:

> Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói. Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba dessas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando

ISBN: 978-85-7205-159-0

> na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente. Tem mais não (ANDRADE, 1997, p. 134).

A geografia transcende o espaço físico no sentido de pensar e escrever sem os limites do eurocentrismo arraigado na língua e na cultura. Impossível pensar nossa multiplicidade identitária sem pensarmos a multiplicidade linguística, a qual é para Mario de Andrade a missão primordial dos modernistas:

> porque o Brasil é uma nação possuidora de uma língua só. Essa língua não lhe é imposta. É uma língua firmada gradativa e inconscientemente no homem nacional. É a língua de que todos os socialmente brasileiros têm que se servir, se quiserem ser compreendidos pela nação inteira. É a língua que representa intelectualmente o Brasil na comunhão universal (ANDRADE, 1984, p.72).

Se no plano do enunciado há o deslocamento geográfico, no plano da enunciação o enredo também demonstra um movimento de diferentes linguagens regionais e passa pela linguagem "culta". Este discurso pretende uma "língua brasileira" na qual o português escrito surge na carta pras icamiabas que ocupa um espaço central tanto no texto como criticamente. Nela há frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto e dos cronistas portugueses que demonstra o preciosismo e a solenidade da língua dos colonizadores em uma pretensão de lei. Na carta, Macunaíma deixar de lado sua preguiça e escreve um longo texto em português escorreito no qual afirma saber que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa que é capaz de falar em uma língua e escrever em outra.

Mario a Prudente esclarece que

> meu nacionalismo não pensem que é chauvinismo e muito menos regionalismo. É amor humano e único meio de nós brasileiros nos universalizarmos. Porque a maneira com que um povo se universaliza é quando concorre com seu contingente particular e inconfundível pra enriquecer essa coisa sublime, uniforme, mas múltipla, que é a humanidade (ANDRADE, 1984, p. 92).

Nesse sentido, em Macunaíma há uma procura pela síntese de um homem com uma nova linguagem a partir de características colhidas de pesquisas sobre a brasilidade, ao mesmo tempo em que rompe com o sistema cultural vigente. O início da industrialização, que causa confusão em Macunaíma, demonstra o aspecto social da relação homem/máquina, elemento surreal que se apresenta no momento em que o herói transforma tudo em máquina. Existe também a preocupação de evidenciar e valorizar a natureza do Brasil, com todas as suas riquezas.

ISBN: 978-85-7205-159-0

No aspecto linguístico, Macunaíma faz uma sátira em relação aos parnasianos, criticando a forma da escrita:

> Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiraquitã; que ou trem grafara muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrú xulas, ortografam muyrakitan e até mesmo muraquéitã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar às vossas trompas de Eustáquio, é quase desconhecido por aqui. Por estas paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, masorqueiros, etc; sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos - ba gaço nefando com que os desleixados e petimetres cons purcam o bom falar lusitano (ANDRADE, 1997, p.65).

Nessa crítica fica implícita a noção do quanto a introdução de termos populares amplia a literatura brasileira, estratégia que foi usada antes e depois das cartas. É possível perceber não só uma denúncia da linguagem, mas também do valor social de alguns costumes da sociedade brasileira:

> O que vos se intessara mais, por sem dúvida, é saberdes que o guerreiro de cá não buscam marvoticas damas para o elance epitalâmico; mas antes as preferem dóceis e facilmente trocaveis por pequeninas e voláteis folhas de papel a que o vulga chamara dinheiro (ANDRADE, 1997, p.66).

Em contraposição a esse rebuscamento europeu da linguagem, é introduzido na obra traços do folclore brasileiro, permitindo tornar mais evidente os traços modernos da obra. Essa transformação da linguagem também é evidenciada no plano de construção da personagem, pois ao longo do romance, Macunaíma se mostra na sua diferença e no seu caráter provisório, pois ao mesmo tempo em que é marginal ele é um herói em seu mundo surreal.

Concerto Barroco

Alejo Carpentier também atua no cenário crítico do sistema literário e suas reflexões sobre a história latino-americana, a negritude, a música e a cultura aparecem de forma latente no romance *Concerto Barroco*, publicado em 1974. As discussões levantadas nesta obra estão presentes desde as primeiras produções do escritor cubano, como *Ecué-Yamba-Ô* (1933) e *El reino de este mundo* (1949).

Concerto Barroco surge, então, como uma narrativa que é a "suma teológica" de Carpentier, como afirma o próprio autor. O enredo, assim como em *Macunaíma*, também aborda viagens, deslocamentos, ou seja, é uma narrativa que tem como traço característico o movimento. Um movimento que funde em

ISBN: 978-85-7205-159-0

um concerto, como o próprio título indica, no qual o olhar se direciona para a relação Europa, América e África, principalmente a relação e contraponto entre América/Europa.

Nesta narrativa é possível perceber a crítica através tanto do encantamento como do desencantamento da América com a Europa e vice-versa, enfocado através dos três personagens centrais: o Amo, um aristocrata crioulo da Nova Espanha, seu criado negro Filomeno e o compositor italiano Antonio Vivaldi. Cada um é representativo de um espaço-tempo que juntos formam uma história que, embora se passe no século XVIII, mistura tempos históricos e pode representar a multiplicidade latino-americana.

Sucintamente, o enredo aborda o deslocamento do Amo, nos inícios do século XVIII, de sua terra natal para uma viagem à "ilustre e gloriosa Europa", na companhia de um serviçal conhecido como Filomeno, um músico negro. A visão que o aristocrata leva ao iniciar a viagem é de uma Europa como a guardiã de toda civilização Ocidental, versão que lhe foi narrada por seus antepassados. Entretanto, o retorno do Amo traz consigo uma renovação sobre o espaço europeu e americano e a permanência de Filomeno nos remete ao processo de transculturação.

A idealização da Europa é desconstruída logo nos primeiros momentos do trajeto e encontra seu apogeu no concerto elaborado por Vivaldi, em Veneza. O concerto além de reunir músicos da Europa, América e África também coloca em xeque a visão do processo de conquista do México. A ópera de Vivaldi deixa em evidencia a importância da arte como artifício de repensar os fatos históricos, o que nesta obra é contestada pelo Amo:

> E no entanto, hoje, esta tarde, há um instante, me aconteceu uma coisa muito estranha: quanto mais a música de Vivaldi corria e eu me deixava levar pelas peripécias da ação que a ilustrava, maior era meu desejo de que os mexicanos triunfassem, no anseio de um impossível desenlace, pois ninguém poda saber melhor do que eu, nascido lá, como se passaram as coisas. Fiquei surpreso comigo mesmo, na avessa espera de que Montezuma vencesse a arrogância do espanhol e de que sua filha, como a heroína bíblica, degolasse o suposto Ramiro. E percebi, de repente, que estava do lado da gente da América, brandindo os mesmo arcos e desejando a derrocada daqueles que me deram sangue e sobrenome (CARPENTIER, 2008, p.74).

A versão de Vivaldi desaponta o Amo e o faz retornar para o México. Sua volta, entretanto, é agora permeada por outras culturas e outras visões, o que faz com que sua identificação com a América seja diferente, assim como sua visão da Europa também. O mundo europeu deixa de ser o lugar de busca

ISBN: 978-85-7205-159-0

por uma "civilização" e "modernização" e o olhar do Amo volta-se para o México com suas peculiaridades e sofisticação antes não valorizadas.

No entanto, o que gostaríamos de destacar neste trabalho é a experiência de Filomeno por sua capacidade de transculturação. Este personagem não faz a viagem de retorno, pois voltar para o México com o Amo o deixaria na condição de apenas "mais um negrinho". Como Filomeno não idealizava a Europa não sofre com o choque cultural e acaba incorporando ao seu modo aquela realidade à qual reage como bem sente e entende. Esta abertura para tudo que vê, ouve e experimenta faz lembrar a atitude de devoração do outro, do que está fora, proposta pela antropofagia modernista.

A permanência de Filomeno faz percebermos que o ponto de partida do deslocamento muda o olhar e a experiência existencial. Enquanto o Amo nutre sua decepção com a Europa idealizada e se aproxima mais ainda dos índios mexicanos, Filomeno transita com facilidade nos espaços mencionados na narrativa. Nessa perspectiva, ainda vale contrapor Filomeno a Macunaíma, pois enquanto esse último apresenta uma visão panorâmica da cultura, o primeiro faz do movimento e do deslocamento seu modo de estar no mundo.

Os espaços percorridos pelos personagens suscitam temporalidades dentro do romance, a qual não pode ser pensada a partir de uma lógica cronológica. O ponto de partida é a América, no início do século XVIII e, ao fim da narrativa, estão em pleno século XX. O esquema cronológico do romance é rompido ao colocar em cena sujeitos de períodos históricos distantes em um mesmo plano, com o intuito de problematizar as versões sobre a mesma temática: o processo de colonização.

Além disso, cabe salientar que Filomeno não necessita da territorialidade física para se constituir, pois sua identidade está em constante processo. O movimento da personagem pode ser analisado, então, como representação do processo latino-americano, no qual está presente a simultaneidade espaço-temporal.

Além disso, o romance questiona o ponto de vista oficial da histórica tanto na desilusão do Amo quanto na sua revolta pela versão de Vivaldi no concerto. A versão retratada na grande moldura na sala de visitas da personagem é colocada em xeque durante o deslocamento. A decadência é apontada na inferioridade da comida, na beleza das mulheres, na sujeira das cidades etc. Quando conhece o Outro passa a refletir sobre as qualidades da pátria mexicana.

A versão de Filomeno acerca da participação dos negros na conquista e colonização da América e o relato do Amo sobre conquista do México passam a integrar a ópera de Vivaldi em um processo

ISBN: 978-85-7205-159-0

antropofágico, intitulada "Montezuma. Nesta, elementos múltiplos se mesclam em proporções desconcertantes. No plano existencial, apenas Filomeno consegue incorporar no seu modo de viver as desconcertantes da História e das culturas.

Desse modo, mais do que a fusão de elementos americanos e europeus, o que se destaca em *Concerto Barroco* é, sobretudo, a conjunção dos olhares e das temporalidades como modo de existir. A etimologia da palavra concerto deixa isso evidente, pois harmonia, ordem ou pacto derivado de um combate ou discussão não poderia resultar mais propícia para resgatar o sentido da narrativa. Assim, o sincretismo não é apenas em relação ao par América/Europa, mas também do alto/baixo, do culto/popular, a tradição/inovação, o sagrado/profano, da escrita/oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: pontos convergentes e divergentes

A narrativa literária pode ser pensada como um sistema que se relaciona com um complexo cultural e corresponde a uma estratégia de autoconsciência cultural, social e existencial. Por esse viés, *Macunaíma* e *Concerto Barroco* aproximam-se a partir da intencionalidade de utilizar a linguagem literária na tentativa de destacar uma realidade latino-americana múltipla, de sujeitos em crise e em trânsito. No entanto, as obras analisadas apontam para experiências distintas de deslocamentos e colocam em evidencia o processo histórico subjacente na concepção de identidade na América Latina a partir de um ponto de vista existencial e cultural.

Como mostra Zilá Bernd (2010), em *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos,* a temático do deslocamento não é nova visto que já aparece na tradição cultural do ocidente em obras como Odisseia, cujo herói, Ulisses, incorpora em seu saber a diversidade de culturas. Ocorre que no texto grego, a multiculturalidade centraliza na figura de um personagem reconhecidamente sábio e o qual referenda uma cultura clássica do equilíbrio. No caso latino-americano, a multiculturalidade centraliza em personagens periféricos e barrocos, como visto nas obras aqui selecionadas.

Nesse sentido, pode-se dizer que os deslocamentos de Macunaíma, do Amo e do Filomeno trazem a tona transformações históricas, políticas e culturais, ao mesmo tempo em que apresentam respostas às questões de uma existência latino-americana. Estas respostas foram pensandas a partir do conceito de literatura proposto por Ana Pizarro: "la literatura es, sabemos, patrimonio universal y la experiencia estética no conoce fronteras, pero las obras surgen de una determinada cultura y se insertan en el tejido de la sociedad que las ve emerger" (PIZARRO, 1985, p. 18).

ISBN: 978-85-7205-159-0

Como diferença, é importante ressaltar o fato de *Macunaíma* ter sido escrito em 1928, em português, por um brasileiro, Mario de Andrade, em início de carreira; enquanto *Concerto Barroco* foi escrito em 1974, em espanhol, pelo cubano Alejo Carpentier já em sua maturidade artística. A partir desse aspecto e das análises das obras neste trabalho, foi possível depreender a impossibilidade de pensar a produção ficcional no contexto da América Latina como uma homogeneidade linguística, histórica e cultura imutável. Ao contrário, deve ser pensada a partir de um sistema que se estabelece na busca por equacionar uma identidade que parte da diferença e não da semelhança.

Sendo assim, segundo Pizarro países da América Latina e Caribe constituem unidades significativas que integram o desenvolvimento da literatura, pois, segundo a autora Ana Pizarro

> es importante anotar que la perspectiva de unidad con que se puede hablar de literatura latinoamericana así como de la cultura […], constituye una situación de vanguardia respecto de otros procesos: esta posibilidad de integración no se ha dado en otros niveles sino como una aspiración de proyectos políticos, ideológicos o económico-sociales del continente (PIZARRO, 1985, p. 17).

É, justamente, nessa aspiração de projetos políticos, ideológicos e econômicos que as obras aqui analisadas se convergem, constituindo-se como patrimônio universal da América Latina e "proponiendo una imagem del ser humano atravessada por la crisis de valores, expressiva de la situación espiritual de nuestro tiempo, que indaga en el universo de la marginalidade, la diferencia y la otredad (...)" (BOLANOS, 1991, p.50). Deve-se, portanto, acrescentar a dimensão existencial ao modo de pensar e de viver nos discursos latino-americanos, o que seria possível por meio de uma narrativa que "al debilitar la fábula privilegia la enunciación".

Mario de Andrade, imerso no contexto antropofágico modernista, e Alejo Carpentier, adaptando as discussões do movimento surrealista francês à realidade americana, colocam em movimento personagens, tempos e espaços que nos possibilitam acompanhar momentos diferentes de se pensar a América Latina. O primeiro está incluído em meio a um discurso de ruptura dos primeiros anos do modernismo brasileiro, no qual o discurso crítico, político e social, principalmente na Carta as Icamiabas, encontra-se mais latente; enquanto que emerge de *Concerto Barroco* um discurso mais voltado para a reflexão da expressão da linguagem, o que o próprio autor denomina da necessidade de uma "ilusão poética" necessária a existência humana.

Macunaíma nos encaminha para "redescobrir na oralidade, no saber popular, novas formas de habitar as Américas, e de definir nossa pertença a ela", podendo constituir-se como uma "via de acesso a

ISBN: 978-85-7205-159-0

americanidade como lugar de resistência e recuperação da diferença colonial" (BERND, 2010, p.30). Com isso, Mario nos coloca diante de um Brasil com sua variedade linguística e cultural e rompe com o ideal romântico de um índio idealizado. Isso fica evidente no epílogo quando o narrador, até este ponto oculto, faz-se presente revelando, quase numa parábola, muito do projeto do autor e do modernismo que é juntar a diversidade do Brasil e da América.

Em Carpentier percebe-se o "deslocamento cultural como maneira de estar no mundo e, consequentemente, como lugar de enunciação, visto que esse traduz também como uma poética da escrita" (BOLANOS, 1991, p.118). O título indica a relação com a música, mas o concerto e o barroco, elementos europeus, são transculturados para uma visão americana, pois o romance apresenta um concerto, no qual se fundem sinfonias e, portanto, visões de mundo, de diferentes partes da Europa, América e África (afro-cubana). Assim, Carpentier procura destacar o encontro de dois mundos (de duas tradições, de duas culturas) e das relações que eles estabelecem entre si, dando ênfase para o contraponto América/Europa. Desse modo, o autor capta as dificuldades inerentes às tentativas de ambas as partes de compreender o diferente de si mesmo e de aceitá-lo como tal.

Mário e Carpentier, em momentos distintos e com estratégias distintas, buscam com sua literatura unir o estético com a práxis, a arte com uma forma de olhar e de estar no mundo. Macunaíma e Filomeno servem de metonímia e metáfora da pluralidade latino-americana e de caminhos para uma identificação, mais do que uma identidade homogênea e centralizadora.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **A imagem de Mário**. Rio de Janeiro: Livroarte, 1984.

_____. **Macunaíma**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1997.

BERND, Zilá. (org). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.

BOLAÑOS, A. G. **Pensar la narrativa**. FURG. 1991, p. 27 – 54.

CANDIDO, A. Uma visão Latino Americana. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (orgs). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.

CARPENTIER, Alejo. **Concerto barroco**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MONEGAL, Emir Rodriguez. **Narradores de esta América II**. Buenos Aires: Alfa, 1974.

ISBN: 978-85-7205-159-0

PIZARRO, Ana (coord.), **La literatura latinoamericana como proceso**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

RAMA, Angel. **Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo, EDUSP, 2001.